

> POLÍTICA DA EXISTÊNCIA

RESENHA: Farnese de Andrade – *Arqueologia Existencial*.
Curadoria de Marcus de Lontra Costa.
Curitiba: Caixa Cultural, set.-nov., 2017.

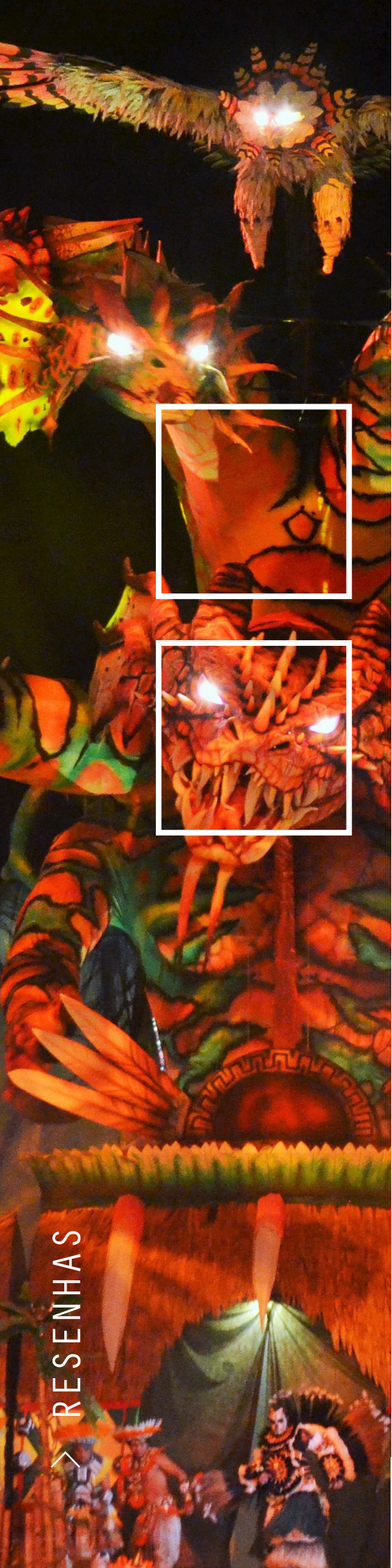
Josnei Di Carlo

> josneidicarlo@hotmail.com.br
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política da Universidade Federal de
Santa Catarina

Patrocinada pela Caixa Econômica Federal, a exposição *Farnese de Andrade – Arqueologia Existencial* circula há anos pelas unidades da Caixa Cultural. Em Curitiba, entrou em cartaz em 19 de setembro de 2017. Dias antes, a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* foi cancelada em função de ataques sofridos nas redes sociais e na unidade do Santander Cultural de Porto Alegre, onde estava em cartaz. A partir daí qualquer manifestação artística dialogaria com uma conjuntura política e social fundada no cerceamento à liberdade de expressão, caso a obra tratasse simbolicamente da família, da religiosidade e da sexualidade.

Exposta em Curitiba no contexto dos episódios superdimensionados pelo Movimento Brasil Livre (MBL), por sua capacidade de mobilizar setores da sociedade civil com sua pauta moralista, *Arqueologia Existencial* ganhou outras significações. Por estar carregado de simbolismo, o trabalho de Farnese de Andrade tem grande carga semântica. Com isso, maior é sua absorção da conjuntura política, acentuando seu caráter transgressor. Anedoticamente, uma *intervenção* ocorrida com a exposição já em cartaz há alguns dias é exemplar: à entrada da mostra, a Caixa Cultural de Curitiba fixou uma classificação indicativa que não havia antes. “Não recomendado para menores de 16 anos”, lemos em uma folha impressa colocada em cima de um cubo. De improviso, em razão da legislação não contemplar exposições.

Farnese de Andrade explora a sexualidade para pensar as relações familiares. Seu trabalho, eclético, por articular a tradição com a vanguarda, abriu caminho para “as obras viscerais e/ou românticas de uma geração de artista



que inclui”, segundo o curador Marcus de Lontra Costa (2017, p. 11), “Tunga, Leonilson, Ângela Venosa e Adriana Varejão”. *Cena do Interior II*, desta, foi um dos trabalhos usados para exemplificar a “apologia” da pedofilia e da zoofilia presente na *Queermuseu*. Entretanto, Farnese questiona a moralidade de forma tão simbólica que antes dos episódios em Porto Alegre sua exposição simplesmente não mobilizaria uma ação preventiva da Caixa Cultural por receio do cerceamento à liberdade de expressão.

Em um ensaio de 1905, “Músicos de rua”, Virginia Woolf (2005) observa que poucos pais gostariam de ver seus filhos dedicarem-se às artes por elas expressarem pensamentos e emoções que o bom cidadão deveria guardar para si. Suas palavras traduzem a sensação que nos toma diante do trabalho de Farnese de Andrade: o desconforto típico de quando descobrimos um sentimento reprimido.

Em exposição na Caixa Cultural, a mostra *Farnese de Andrade – Arqueologia Existencial* reúne trabalhos provenientes de diversas coleções. O conjunto das obras mapeia uma produção realizada de 1960 a 1990. A primeira delas é de 1964 e a última, de 1995. Não são apenas contemporâneas como pertencem a nosso contexto político e social, por terem sido produzidas entre o golpe militar e o início da estabilização monetária.

Farnese de Andrade deu uma guinada em sua trajetória artística em 1964. Antes, fazia desenhos e gravuras – com seus trabalhos ilustrando os principais suplementos literários surgidos na grande imprensa brasileira nos anos 1950. Depois, cria *assemblages*, cuja técnica consiste em fazer colagens usando objetos e materiais tridimensionais. Os escolhidos por Farnese são os do cotidiano da vida privada e da vida familiar. Caixas, nichos, redomas de vidro, oratórios, santos, retratos, postais, bonecas, cumbucas e tábuas de carne são alguns deles. Todos corroídos pela maresia, pela sujeira e pelo tempo, já que Farnese tanto os recolhia nas praias e nos aterros quanto os comprava nos mercados das pulgas e nos depósitos de demolição. Várias *assemblages* fazem uso da resina de poliéster. Farnese não tem nada de romântico em sua obsessão pela memória e pelo passado. É um colecionador, que, como diz Walter Benjamin (2012) no ensaio “Eduard Fuchs, colecionador e historiador”, de 1937, não é uma figura romântica como o viajante, o *flâneur*, o jogador e o virtuoso.

A mostra *Arqueologia Existencial* está dividida em duas partes. Agrupada em blocos de três obras, exceto um com duas maiores (*Eva* e *A Grande Buceta*), a visão do conjunto da primeira parte da mostra conforta o olhar dado sua simetria. Mas ao nos aproximarmos das *assemblages* não há nada de racional. Elas enfatizam o sexo, a reprodução e o pecado. Na segunda parte da mostra nos deparamos com um segredo: um painel tampa o conjunto das obras. Contornando-o, encaramos o busto de um pai de família aristocrático protegendo o segredo de seu lar. O conjunto não é mais simétrico, enfatizando o barroquismo da seleção predominante de oratórios. A passagem da primeira para a segunda parte da mostra nos dá a sensação de termos saído do espaço público, onde o desejo se projeta, para entrarmos no espaço privado, onde o desejo é reprimido em nome da unidade familiar. O sagrado dos oratórios protege o profano do inconsciente – bonecas de plásticos mutiladas e congeladas em

blocos de resina de poliéster.

A seleção do curador Marcus de Lontra Costa para a exposição narra uma história dialogando especialmente com textos de Hilda Hilst. Mesmo não sendo uma narrativa clássica, a história é familiar. Em uma dupla acepção, por termos a sensação de estarmos vendo o artista revelando um segredo de sua família para nós e por seu segredo parecer um sentimento reprimido por cada um de nós. A força do trabalho de Farnese de Andrade é o que há de melhor na história da arte moderna. Criar a partir da subjetividade, mas a obra pronta e acabada traduz de forma palpável um sentimento de todos nós. Nesse sentido, não deixa de ser política, em razão de o artista buscar a comunidade para alcançar a completude de sua criação.

O Golpe de 1964 foi antecedido pelas Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Nelas, imagens religiosas e uma simbologia ligada à oligarquia ganharam as ruas. Uma moral tradicional tentava reger a modernização dos costumes; o moralismo antecipava o projeto de modernização conservadora dos militares. A onda conservadora trouxe à praia objetos e materiais da família tradicional brasileira. Farnese os recolheu, criando uma obra que remete a um sonho e a um pesadelo. Sonho enquanto imagens do inconsciente, pesadelo quando tomamos consciência através dessas imagens daquilo que recalamos por não sermos artistas. As *assemblages* de Farnese podem ser encaradas como uma reflexão sobre a ditadura militar e o moralismo da sociedade civil que a sustentou, mas dentro de uma experiência particular. São como reminiscências familiares desconfortáveis porque fomos educados por bons cidadãos e somos bons cidadãos.

Pela mostra *Farnese de Andrade – Arqueologia Existencial* nos descobrimos e a cada visita continuamos a nos descobrir. Por expressar pensamentos e emoções que não deveriam ser expressos em nome da harmonia, Farnese nos entrega a chave de nosso inconsciente. Com isso, encaramos nossa história familiar e nossos recalques não deitados em um divã, mas caminhando por entre as obras de Farnese. Também ele nos ajuda a refletirmos sobre a repressão que sempre insiste em se expandir do âmbito da família para o corpo social. Assim, valores restritos a condutas individuais buscam ditar normas de condutas à coletividade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “Eduard Fuchs, colecionador e historiador”. In: **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COSTA, Marcus de Lontra. “As instâncias prisioneiras do ser”. In: A. Eleotério; I. Ferreira (orgs.), **Farnese de Andrade – arqueologia existencial**. Curitiba: Caixa Cultural/ADUPLA, p. 7-11, 2017.

WOOLF, Virginia. “Músicos de rua”. In: **O valor do riso e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, p. 25-33, 2014.

RECEBIDO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2017

APROVADO EM 04 DE MAIO DE 2018